



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VICTÓRIA DE SOUSA LIMA

**MODOS DE VIDA E INFÂNCIA DAS CRIANÇAS NA REALIDADE PESQUEIRA DE
PERIMIRIM/AUGUSTO CORRÊA/PA**

BRAGANÇA – PA
2026

VICTÓRIA DE SOUSA LIMA

**MODOS DE VIDA E INFÂNCIA DAS CRIANÇAS NA REALIDADE PESQUEIRA DE
PERIMIRIM/AUGUSTO CORRÊA/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do Pará
(UFPA), Campus Universitário de Bragança,
Faculdade de Educação, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete
Rodrigues Cardoso

**BRAGANÇA – PA
2026**

VICTÓRIA DE SOUSA LIMA

**MODOS DE VIDA E INFÂNCIA DAS CRIANÇAS NA REALIDADE PESQUEIRA DE
PERIMIRIM/AUGUSTO CORRÊA/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do Pará
(UFPA), Campus Universitário de Bragança,
Faculdade de Educação, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete
Rodrigues Cardoso

Data de aprovação: __/__/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Gorete Rodrigues Cardoso – UFPA
Orientadora e Presidente da Banca

Profa. Dra. Iracely Rodrigues da Silva – UFPA
Examinadora interna

Prof. Dr. Elton Luís da Silva Júnior – UFPA
Examinador interno

BRAGANÇA – PA
2026

“É justo que muito custe o que muito vale.”

(Santa Teresa de Ávila)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível, me sustentou, iluminou meus passos e guiou-me nos momentos mais difíceis. Também agradeço à minha Mãe Santíssima, Maria, mãe de Jesus, pela qual tenho grande devoção; tenho a certeza de seu amor materno e de sua intercessão por mim.

Dedico este trabalho *in memoriam* de minha querida e amada avó materna, Antônia Brito dos Reis, que sempre acreditou nos meus estudos. Ela não está aqui fisicamente para celebrar comigo esta grande conquista, mas sei que sempre torceu por mim e pela minha felicidade. Da mesma forma, dedico este trabalho ao meu amado avô, Raimundo Cardoso de Sousa, cuja grande sabedoria e amor pela família me motivaram a seguir em busca dos meus sonhos.

Agradeço profundamente à minha querida mãe, Lindalva Reis de Sousa, e à minha tia, Maridalva Reis de Sousa, por todo apoio e amor incondicionais; elas sempre estiveram ao meu lado e acreditaram que eu conseguiria.

Quero também dedicar meu mais profundo agradecimento à minha querida professora Dra. Natalina Mendes Freitas, que, durante todo esse percurso, esteve comigo e me ajudou. Agradeço pela confiança e pela paciência ao longo deste trabalho. Para além de professora, me instruiu com seu imenso saber, seus conselhos e sua trajetória de vida. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava.

À querida Professora Dra. Maria Gorete Rodrigues Cardoso, orientadora deste trabalho, por me oportunizar defender meu Trabalho de Conclusão de Curso sob sua tutela, pelo carinho e pelo comprometimento com a minha formação. A ela, minha mais sincera gratidão.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Bragança, pela oportunidade de cursar a Licenciatura em Pedagogia, pelas experiências acadêmicas e pelas múltiplas possibilidades formativas que abriram tantas portas na minha vida, ajudando-me a crescer como ser humano e como futura educadora.

Por fim, a toda a minha família, amigos, professores e colegas de turma, o meu mais profundo agradecimento por fazerem parte desta jornada de aprendizado e crescimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização geográfica da Vila de Perimirim.	15
Figura 2 – Crianças brincando na beira mar.	17
Figura 3 – Produção dos desenhos das crianças.	20
Figura 4 – Produção dos desenhos das crianças.	21

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização das crianças participantes das entrevistas semiestruturadas.	18
Quadro 2 – Perfil das crianças participantes da roda de conversa.....	19

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS	14
2.1. Tipo da Pesquisa	14
2.2. Lócus da Pesquisa	14
2.3. Crianças Interlocutora da Pesquisa e coleta de dados.....	16
3. REFLEXÕES SOBRE O SER CRIANÇA NAS VIVÊNCIAS PESCADORAS DA VILA PERIMIRIM	22
3.1. múltiplas infâncias e o protagonismo social.	22
3.2. O brincar, o território e a produção de saberes nas vivências infantis.....	23
4. SISTEMATIZAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6. REFERÊNCIAS	29

MODOS DE VIDA E INFÂNCIA DAS CRIANÇAS NA REALIDADE PESQUEIRA DE PERIMIRIM/AUGUSTO CORRÊA/PA

Victória de Sousa Lima¹

Maria Gorete Rodrigues Cardoso²

RESUMO: O presente artigo propõe uma discussão sobre os modos de vida e as infâncias de crianças residentes na comunidade pesqueira de Perimirim, localizada no município de Augusto Corrêa, Pará. O foco central objetivou compreender como se constituem as vivências infantis na comunidade pesqueira do Perimirim. A metodologia ancorou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa. Realizamos um levantamento bibliográfico de produções acadêmicas que tratassem da temática e pesquisa de campo com cinco crianças na faixa etária de 8 a 12 anos de idade, além de rodas de conversa e oficinas de desenhos com dezessete crianças da escola local. Os resultados dessa imersão revelam que as infâncias em Perimirim são profundamente marcadas pela relação com o território tradicional e a pesca artesanal. Os saberes costeiros familiares são reelaborados de modo lúdico pelas crianças, manifestando-se de forma vívida em suas culturas de pares e em suas produções gráficas, onde elementos como manguezais, barcos e ranchos assumem centralidade. Conclui-se que as crianças atuam como sujeitos socio-históricos ativos, capazes de produzir cultura e ressignificar o seu próprio cotidiano a partir de suas vivências na Amazônia paraense.

Palavras-chave: modos de vida; infância; pesca; Amazônia.

ABSTRACT: This paper proposes a discussion on the ways of life and childhoods of children living in the fishing community of Perimirim, located in the municipality of Augusto Corrêa, Pará. The main focus aimed to understand how children's experiences are constituted in the fishing community of Perimirim. The methodology was anchored on the assumptions of qualitative research. We carried out a bibliographical survey of academic productions dealing with the theme and field research with five children aged between 8 and 12 years old, as well as conversation circles and drawing workshops with seventeen children from the local school. The results of this immersion reveal that childhoods in Perimirim are deeply marked by the relationship with the traditional territory and artisanal fishing. Traditional family coastal knowledge is reworked in a playful way by the children, manifesting itself vividly in their peer cultures and in their graphic productions, where elements such as mangroves, boats, and fishing shacks assume centrality. It is concluded that children act as active socio-historical subjects, capable of producing culture and re-signifying their own daily lives based on their experiences in the Brazilian Amazon.

Keywords: ways of life; childhood; fishing; Amazon.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará Campus Universitário de Bragança. E-mail: limavictoria811@gmail.com.

² Docente da faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará Campus Universitário de Bragança. E-mail: goreterc@ufpa.br.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma discussão sobre os modos de vida e as infâncias de crianças residentes na comunidade pesqueira de Perimirim, localizada no município de Augusto Corrêa, Pará. O estudo busca compreender como o cotidiano dessa comunidade influencia as experiências infantis em um contexto social, cultural e geográfico marcado pela pesca artesanal amazônica. Nesse cenário, as relações estabelecidas entre as crianças, seus pares, suas famílias e o território contribuem para a construção de suas identidades sociais, em um processo no qual elas interpretam, recriam e atribuem novos significados às experiências vividas, conforme discutido por Corsaro (2011).

As crianças assumem a centralidade neste estudo, pois é no diálogo com e sobre elas, que se busca compreender o contexto pesqueiro do qual fazem parte tendo como foco seus modos de vida. Ouvir o que as crianças têm a dizer sobre seu espaço de convivência no cenário da pesca artesanal, nos estimula a aprofundar a compreensão de seus contextos sociais e geográficos relacionados à temática em tela.

Pesquisar sobre as crianças e suas infâncias implica reconhecer que não existe uma infância única e universal, mas múltiplas formas de viver essa etapa da vida, constituídas pelas relações sociais, culturais, históricas e territoriais. Nesse sentido, a criança é compreendida como sujeito social ativo, capaz de produzir cultura, utilizando elementos do mundo "crianceiro" e do mundo adulto, que são reinterpretados e transformados em práticas sociais, ampliando seu universo linguístico, social e cultural.

No contexto amazônico, essa pluralidade torna-se ainda mais evidente, considerando que a região apresenta desafios socioeconômicos significativos (IBGE, 2022), ao mesmo tempo em que abriga uma diversidade de territórios e modos de vida. As infâncias ribeirinhas, quilombolas, assentadas, acampadas e pesqueiras são marcadas por experiências singulares construídas nas relações com os rios, a floresta, o manguezal e o mar. Assim, compreender a infância na comunidade de Perimirim significa reconhecer que as vivências das crianças estão profundamente relacionadas ao território em que vivem e aos saberes produzidos nas práticas cotidianas da pesca artesanal.

O cenário que fundamenta esta investigação é a comunidade de Perimirim, uma vila pesqueira localizada no município de Augusto Corrêa, no nordeste do Pará. Inserida na realidade costeira amazônica, a localidade tem na pesca artesanal não apenas sua principal base econômica e de subsistência, mas também o eixo organizador de sua estrutura social e cultural. É nesse território tradicional, marcado pelo ritmo das marés e pelo ecossistema estuarino, que

as famílias partilham saberes e modos de vida que atravessam gerações. Para as crianças locais, esse ambiente se constitui como o primeiro espaço de socialização e leitura de mundo, onde as dinâmicas do trabalho familiar, o convívio comunitário e a experiência escolar se encontram, moldando formas singulares de vivenciar a infância na Amazônia paraense.

O trabalho de pesca artesanal, distinto do trabalho tipicamente urbano (seja fabril ou de comércio), molda uma experiência de infância singular nas comunidades. Nesse ambiente, a socialização das crianças ocorre em múltiplos espaços (como casa, mar, escola e vizinhança), e elas participam ativamente da vida em comunidade e pelas experiências proporcionadas no convívio do ambiente costeiro, inserindo-se inclusive no contexto do trabalho da pesca (Cunha; Araújo; Martins, 2012, p. 3).

As crianças do Perimirim são reconhecidas neste estudo como seres sociais ativos que produzem cultura, história e saberes próprios em seu dia a dia. O mundo da cultura infantil local está recheado de práticas sociais que elucidam um viver em harmonia com o ambiente natural e uma rica cultura do brincar. As vivências das crianças, conforme Freitas e Toutonge (2024, p.32), demonstram a captação do que lhes é peculiar e significativo, registrando brincadeiras nas águas dos rios e igarapés, subindo em árvores para colher frutas, e mobilizando artefatos como tarrafas, redes, canoas e cestos tanto em seus momentos lúdicos quanto no auxílio às lidas e afazeres dos pais.

A relevância deste trabalho reside na necessidade de dar visibilidade às infâncias vividas em comunidades pesqueiras amazônicas, reconhecendo as crianças como sujeitos sociais e valorizando os saberes, as experiências e o pertencimento construídos em seu território. O interesse pela pesquisa surgiu a partir da minha vivência como moradora da comunidade de Perimirim e por ter experienciado minha infância nesse contexto pesqueiro. Essa trajetória despertou em mim o desejo de valorizar e registrar as experiências infantis vividas nesse território, especialmente aquelas de crianças que, em sua maioria, são filhas e filhos de pescadores e compartilham cotidianamente os modos de vida característicos da comunidade.

O engajamento com a temática reforçou-se ainda mais depois da minha participação como voluntária no projeto de pesquisa intitulado “As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em território de água de regiões da Amazônia”, coordenado pela Professora Dra. Maria Natalina Mendes Freitas, no período de 2022 a 2025. Esse projeto deu origem à obra *“Travessias e infâncias em territórios amazônicos: configurações das pesquisas com crianças e a Educação do Campo”* (2024), organizada por Maria Natalina Mendes Freitas e Eliana Campos Pojo Toutonge, que teve também como um dos lócus da pesquisa a comunidade de Perimirim, assim como também outras comunidades amazônicas.

Essa obra constitui importante base teórica para minha pesquisa, por discutir as infâncias amazônicas em seus diferentes territórios, valorizando as experiências, saberes e vivências das crianças em contextos tradicionais. A obra contribui para compreender as múltiplas infâncias presentes na Amazônia, especialmente aquelas relacionadas às territorialidades das águas e aos modos de vida comunitários, aspectos centrais deste estudo.

Teoricamente, esta investigação se alinha aos estudos da Sociologia da Infância, em que reconhece a criança como ator social pleno. Autores como Sarmento (2003) e Corsaro (2011), ao discutirem as culturas de pares e a reprodução interpretativa, fornecem as lentes conceituais para analisar como a infância é construída nas interações cotidianas das crianças, e não apenas pelo mundo adulto.

E ainda, estudos como o de Corrêa (2018) contribuem para compreender as infâncias em ambientes costeiros amazônicos e bragantino, evidenciando as relações das crianças com a pesca artesanal, os saberes familiares e os modos de vida construídos nesse ambiente. A autora destaca as crianças como sujeitos ativos na produção de conhecimentos no convívio pesqueiro. A relevância dos saberes tradicionais e do território é defendida por Brandão (2015), que destaca a importância da cultura local e do ambiente como fontes primárias de aprendizagem e conhecimento para os povos e comunidades tradicionais.

Socialmente, a pesquisa torna-se relevante por dar visibilidade às vivências e saberes de crianças pertencentes a uma comunidade pesqueira amazônica, contribuindo para o reconhecimento de suas culturas, modos de vida e formas próprias de aprender e viver a infância. Além disso, o estudo poderá colaborar com reflexões na área da educação acerca das infâncias em comunidades tradicionais, valorizando os conhecimentos construídos no território e nas relações familiares e comunitárias.

Partindo deste contexto, o problema de pesquisa que norteia este trabalho é: Como as crianças da comunidade Perimirim vivenciam sua infância em meio à realidade pesqueira da comunidade, considerando suas interações, saberes e produção de cultura? Tem como objetivo geral compreender como se constituem as vivências infantis na comunidade pesqueira do Perimirim, e os objetivos específicos: identificar as práticas e experiências que marcam o cotidiano e a cultura das crianças no Perimirim, analisando suas interações com o território pesqueiro; refletir sobre as formas de brincar, aprender e viver dessas crianças, destacando a produção de saberes e as relações entre pares nesse contexto; e analisar a relação das crianças com a escola e como os saberes adquiridos no ambiente familiar e comunitário se manifestam em seu percurso educativo.

Nessa perspectiva, esta pesquisa busca contribuir para a ampliação dos estudos sobre as infâncias em comunidades pesqueiras amazônicas, evidenciando a importância de reconhecer as crianças como sujeitos sociais e de valorizar os saberes produzidos em seus territórios de vida. Além disso, pretende fomentar reflexões no campo da Educação acerca da necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem com as especificidades culturais das infâncias amazônicas e com os conhecimentos construídos nas comunidades tradicionais.

A estrutura deste artigo está organizada em quatro seções principais. A primeira seção corresponde à introdução da temática tratada, bem como sua contextualização, justificativa, delimitação do objeto e objetivos do estudo. A segunda seção apresenta os caminhos metodológicos percorridos na construção da pesquisa. A terceira seção apresenta reflexões sobre o ser criança nas vivências pescadoras da Vila Perimirim. E a quarta, apresenta a sistematização e a discussão dos dados coletados à luz de um referencial teórico pertinente ao problema investigado, finalizando com as considerações finais, que retomam os objetivos da pesquisa, destacam suas contribuições e apontam perspectivas para estudos futuros.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresenta os procedimentos adotados para a construção do método de investigação da pesquisa. Apresentamos a abordagem utilizada, o lócus da pesquisa, as crianças participantes do estudo, as ferramentas usadas para coletar informações e por fim, o agrupamento das informações coletadas para a constituição da base de dados.

2.1. Tipo da Pesquisa

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, configurando-se como um estudo de caso. Segundo Minayo (2024), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

Dessa maneira, ao acompanhar de perto, no próprio contexto as vivências cotidianas, o observador consegue compreender como os indivíduos interpretam o mundo ao seu redor, isto é, os significados que atribuem tanto à realidade quanto às suas próprias ações. Assim, possibilita uma maior aproximação com o cotidiano das crianças, favorecendo o diálogo direto com elas e a compreensão do contexto pesqueiro Amazônico da vila e a produção de saberes produzidas por esses sujeitos.

2.2. Lócus da Pesquisa

O cenário da investigação é a comunidade de Perimirim, uma vila pesqueira situada a aproximadamente 9 km do município de Augusto Corrêa, na Microrregião Bragantina, nordeste do Pará. Geograficamente, a localidade insere-se no estuário do Rio Urumajó, desaguardo no Oceano Atlântico, elemento que atua como o principal organizador dos modos de vida, tempos e espaços da população local.

Um dos principais meios de sobrevivência na comunidade é a pesca artesanal, que é uma atividade caracterizada pela exploração de recursos pesqueiros por pescadores que usam métodos tradicionais, como canoas, rede, espinhel entre outros. Que geralmente vão em busca do pescado para o consumo próprio e venda, pois a mesma está ligada à sustentabilidade ambiental e a geração de renda na comunidade. A atividade pesqueira desempenha um papel multifacetado que transcende a mera extração de recursos biológicos, configurando-se como um pilar de subsistência, economia e preservação cultural.

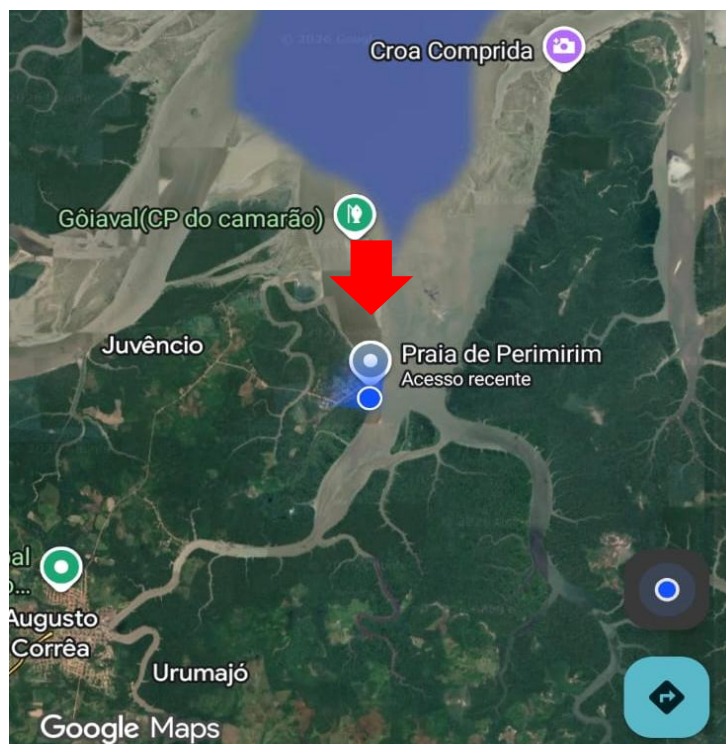
De acordo com a legislação brasileira vigente, especificamente a Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009 (conhecida como a Lei da Pesca), a pesca comercial artesanal é definida em seu Artigo 8º, inciso I, alínea “a”, como aquela:

[...] praticada diretamente por pescadoras e pescadores profissionais, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte (Brasil, 2009).

A pesca artesanal funciona em uma lógica totalmente diferente das grandes indústrias do setor. Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2013), esse modelo se baseia no conhecimento tradicional e no uso de ferramentas simples, como: linhas de mão, redes de emalhar e armadilhas locais. Por ter uma dinâmica seletiva, ela causa um impacto ambiental bem menor quando comparada às grandes frotas comerciais. Essa estrutura apoia de forma direta a segurança alimentar e a economia de várias comunidades ribeirinhas, costeiras e estuarinas.

A vila de Perimirim faz parte de uma Reserva Extrativista (RESEX) denominada Araí-Peroba, que tem como objetivo proteger os meios de vida e garantir a utilização e a conservação dos recursos naturais renováveis tradicionalmente utilizados pela população extrativista residente na área de sua abrangência. A área aproximada é de 11.480 hectares, como demonstra a figura a baixo:

Figura 1 – Localização geográfica da Vila de Perimirim.



Fonte: adaptado do Google Maps (2026).

Apesar de seu caráter tradicional, a comunidade possui uma infraestrutura básica organizada, incluindo posto de saúde, uma escola que oferece Ensino Fundamental I e II, e uma quadra de esportes além de um CRAS que está em construção.

Um aspecto crucial para a sustentabilidade da sua atividade econômica e a existência de uma geleira que fornece gelo gratuitamente aos pescadores cadastrados com a carteirinha oficial do pescador. Dessa forma, a comunidade cultiva a tradição de transmissão de saberes artesanais de geração em geração.

2.3. Crianças Interlocutora da Pesquisa e coleta de dados.

Dessa maneira, O primeiro contato com as crianças para realizar a observação ocorreu próximo ao mar na orla de Perimirim. Em alguns dias da semana pude ir até a beira mar para observar, especificamente as crianças, que cotidianamente frequentam esse local, e fazer anotações no diário de campo. Observei que elas brincavam e demonstravam encantamento com a paisagem, especialmente com as águas e os barcos que se movimentavam conforme a corrente.

Durante essa aproximação inicial, foi possível realizar uma observação indireta, percebendo que algumas crianças se banhavam enquanto seus pais ou responsáveis realizavam uma espécie de verificação nas canoas (pequena embarcação de transporte local, hoje majoritariamente motorizada), assegurando que tudo estava adequado para a atividade pesqueira que ocorreria ao longo da noite. Assim, “As crianças se misturam por idade e gênero,

elas vivem e experimentam os recursos naturais, se apropriam dele e constroem suas culturas infantis pelo brincar, pela atividade da pesca e pela confecção do instrumento artesanais para a prática pesqueira” (Oliveira; Souza 2020, p.5).

Inserindo-se dessa maneira de forma discreta no mundo adulto da pesca artesanal vivenciada por seus pais. Dessa maneira, pude observar também que utilizavam o espaço próximo a orla pra brincar de ‘Pipa’ e jogar futebol com seus pares, essa observação permitiu compreender as singulares formas que os sujeitos dessa pesquisa vivenciam seu dia a dia na comunidade. Como evidencia as figuras a seguir:

Figura 2 – Crianças brincando na beira mar.



Fonte: Acervo da pesquisa (2026).

O percurso metodológico permitiu um contato direto com os espaços, as relações e os modos de vida que constituem as infâncias vividas em Perimirim. Mais do que coletar informações, a pesquisa buscou escutar as crianças, observar seus movimentos, compreender suas brincadeiras, suas formas de interpretar o mundo e as relações que estabelecem com a pesca, com a família, com a escola e com a comunidade. Nesse sentido, o estudo de caso mostrou-se fundamental por possibilitar o aprofundamento em uma realidade específica, reconhecendo as singularidades das infâncias construídas em um contexto marcado pelos saberes e práticas da pesca artesanal.

Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco crianças residentes na comunidade, como critério de participação, considerou-se que as crianças possuísem vínculos familiares com a atividade pesqueira, seja por meio dos pais, avós, tios ou outros parentes que desenvolvem a pesca como prática de trabalho e subsistência. A escolha

desse critério ocorreu em razão dos objetivos da pesquisa, que busca compreender nos seus modos de vida os saberes adquiridos no ambiente familiar e comunitário.

A caracterização das crianças entrevistadas é apresentada no quadro a seguir:

Quadro 1 – Caracterização das crianças participantes das entrevistas semiestruturadas.

NOME FICTÍCIO	IDADE	SEXO	PARENTES PESCADORES
João	8	Masculino	Pai e avô
Lucas	9	Masculino	Tios
Lucia	11	Feminino	Pai, tio e primo
Ana	12	Feminino	Pai e avô
Maria	12	Feminino	Pai, padrasto e mãe

Fonte: Elaborada pela autora (2026).

As entrevistas aconteceram em suas residências, mediante a autorização dos responsáveis legais, por meio da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, esse momento revelou-se especialmente importante por possibilitar que as crianças compartilhassem suas histórias, experiências, brincadeiras, memórias e percepções sobre a realidade da pesca.

Foram apresentadas aos sujeitos da pesquisa 10 (dez) perguntas semiestruturadas, divididas entre aspectos relacionados à comunidade e à vida no território com seus saberes locais, sendo elas: 1) Como você descreve a comunidade de Perimirim? 2) Você gosta de morar neste lugar? Por quê? 3) Se você tivesse que ir morar em outro lugar, você aceitaria? Por quê? 4) Com quem você aprende sobre a pesca e as coisas do mar/mangue? 5) O que você acha da vida e do trabalho de pescador? 6) Você quer seguir o exemplo de trabalho de seu pai, mãe ou familiares? Por quê? 7) Você acha que o seu modo de viver aqui na vila é bom? 8) O que você mais destaca de positivo e de bom aqui na vila? 9) Qual é a sua brincadeira predileta para brincar com seus amigos? 10) Onde você costuma brincar mais: no quintal, na rua, no mar, na praia ou dentro de casa? Dessa maneira, o roteiro permitiu mediar o diálogo com as crianças de forma direcionada, respeitando a singularidade e a espontaneidade de cada resposta obtida.

Durante os diálogos emergiram narrativas que evidenciaram a presença dos saberes pesqueiros no cotidiano infantil, bem como os vínculos afetivos construídos com a família como evidencia Maria (12 anos) “*eles pescam de rede e de linha, as vezes quando a maré tá boa eles trazem muito peixe e as vezes não [...] Eles vão pescar de noite e as vezes de tarde[...] Passam a noite acordado pra pegar peixe*”. João (8 anos) relatou a experiência de um dia no rancho com o pai e o avô “[...] *Teve um dia que eu ‘tava’ no rancho com o papai, aí eu pesquei um bagre, mas ele caiu e eu chamei meu avô e disse que pesquei o bagre, mas ele caiu na lama*”.

As entrevistas permitiram compreender que as crianças não apenas observam a realidade ao seu redor, mas estão imersas no cotidiano, vivendo e convivendo.

As crianças vão se apropriando dos saberes relacionados à pesca de forma espontânea, por meio das experiências vividas no cotidiano familiar. A convivência com pais, avós e outros familiares pescadores possibilita o contato constante com conhecimentos e práticas tradicionais da comunidade, fazendo com que aprendam desde cedo, aspectos relacionados à atividade pesqueira. Assim, muitas já conseguem identificar diferentes espécies de peixes, reconhecer os instrumentos utilizados na pesca e distinguir modalidades como a pesca de rede e a pesca de linha.

O terceiro momento da pesquisa foi realizado no ambiente escolar, tendo como cenário a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Benedita Mota, localizada na própria comunidade. A pesquisa contou com a participação de crianças matriculadas no 2º ano do Ensino Fundamental, mediante a autorização da Professora da turma. A escolha da instituição ocorreu por estar inserida no território investigado, possibilitando a aproximação com as experiências vivências e relações construídas pelas crianças no contexto escolar. A seleção da turma do 2º ano considerou a faixa etária das crianças, por compreender que, nessa etapa da infância, elas já possuem maior capacidade de expressão oral, interação e representação de suas experiências por meio dos desenhos e das atividades coletivas.

Participaram da roda de conversa e da produção de desenhos 17 crianças, sendo 10 meninas e 7 meninos. A caracterização das crianças entrevistadas é apresentada no quadro a seguir:

Quadro 2 – Perfil das crianças participantes da roda de conversa

CRITÉRIO	CARACTERIZAÇÃO
Número total de participantes	17 crianças
Sexo	10 meninas e 7 meninos
Faixa etária	14 crianças com 7 anos e 3 com 8 anos
Relação com a Pesca	11 crianças possuem pai pescador e 6 possuem outros familiares pescadores (avós, tios ou irmãos)

Fonte: elaborado pelo autor a partir da roda de conversa (2026).

A roda de conversa foi realizada em um único encontro, durante o período da tarde, com duração aproximada de duas horas, coletei os dados desse momento através de fotografias, e diário de campo. Nesse momento, as crianças tiveram a oportunidade de compartilhar muitas histórias, brincadeiras preferidas e experiências vivenciadas fora da escola.

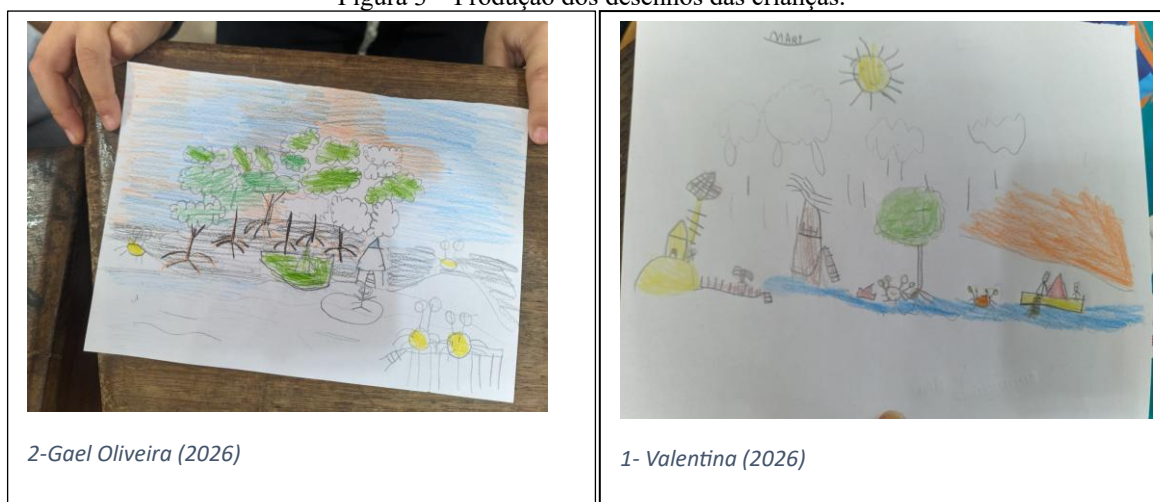
O diálogo foi conduzido mediante perguntas preestabelecidas em roteiro sobre seus modos de vida. As perguntas que nortearam o roteiro foram: 1) Como é o seu dia a dia aqui na comunidade de Perimirim e o que você mais gosta de fazer na sua rotina? 2) Quais são as suas brincadeiras favoritas e onde você costuma brincar com seus amigos (no quintal, na praia, no rio)? 3) Você costuma acompanhar seus pais ou familiares nas atividades de pesca ou na coleta de mariscos? Se sim, como é essa experiência para você? 4) O que os adultos da sua família te ensinaram sobre o rio, o mar, os peixes ou a natureza do lugar onde você mora?

Outro aspecto relevante para a escolha da turma refere-se ao fato de que grande parte das crianças possui vínculos familiares com a atividade pesqueira, seja por meio dos pais ou de outros familiares, como avós, tios e irmãos. Dessa forma, o grupo participante apresentou características que dialogam diretamente com os objetivos da pesquisa, analisar a relação das crianças com a escola e como os saberes adquiridos no ambiente familiar e comunitário se manifestam em seu percurso educativo.

Os diálogos desenvolvidos por elas favoreceram a construção coletiva de narrativas riquíssimas, evidenciando a importância das relações entre pares na produção das culturas infantis, conforme discutido por Corsaro (2011).

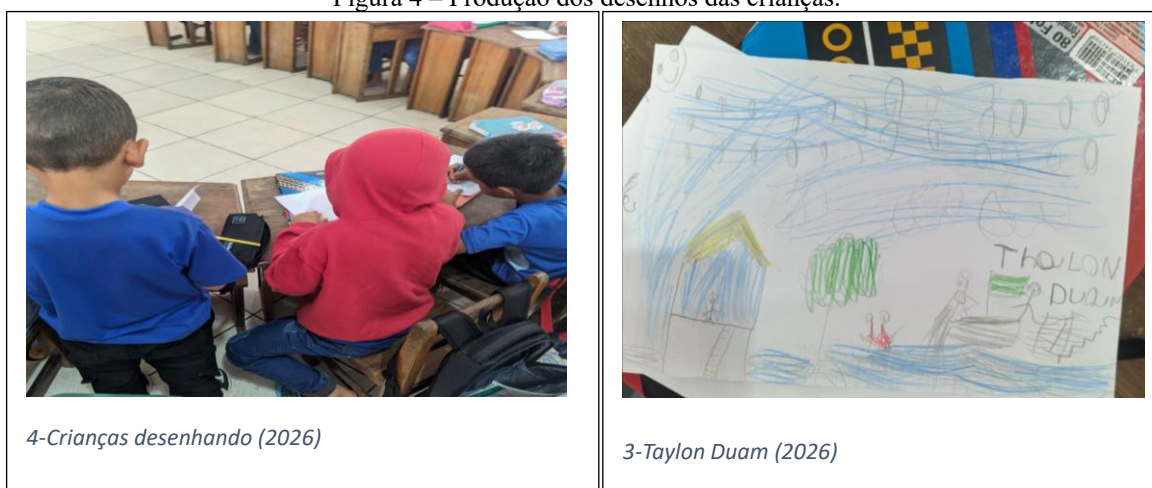
Além do diálogo coletivo, foram realizadas atividades de desenho, possibilitando que as crianças expressassem tudo que haviam falado, suas vivências e relações com o território onde vivem.

Figura 3 – Produção dos desenhos das crianças.



Fonte: elaborado pelos(as) participantes, a partir da roda de conversa (2026).

Figura 4 – Produção dos desenhos das crianças.



Fonte: elaborado pelos(as) participantes, a partir da roda de conversa (2026).

As atividades de desenho demonstrados nas figuras a cima, complementaram esse processo ao possibilitar que as crianças expressassem, por meio de diferentes linguagens, aspectos de suas vivências que nem sempre seriam verbalizados.

Os desenhos revelaram elementos do cotidiano comunitário, da natureza, da pesca, das brincadeiras e das relações familiares, permitindo compreender como as crianças percebem e representam o mundo em que vivem. Os desenhos infantis constituem importantes formas de expressão e representação social, revelando significados construídos a partir das experiências vividas, conforme destacam Freitas e Toutonge (2024, p.33):

Os desenhos mobilizam emoções e por vezes direcionaram nosso olhar para ver coisas que ainda não tinham sido vistas, trazendo para nossas reflexões o deslumbre na produção do conhecimento emergindo um universo de possibilidades para ampliar os campos epistemológicos e teóricos acerca da criança e infância amazônica (FREITAS E TOUTONGE, 2024, p.33).

É possível observar, nos desenhos apresentados, a realidade em que estão inseridas, um ambiente marcado por elementos como o mangue, o caranguejo, o rancho, barcos e os amigos, assim sendo, de forma inerentemente, eles apropriam-se desse universo cultural.

Essa apropriação pulsa de maneira espontânea na sensibilidade infantil, sendo claramente observado através dos seus rabiscos coloridos que a vivência comunitária se faz presente na escolha dos cenários, representados por cada elemento na folha de papel A4.

A articulação entre observação, entrevistas, rodas de conversa e desenhos possibilitou uma compreensão mais ampla e sensível dos modos de vidas dos pequenos. Esses diferentes caminhos metodológicos permitiram conhecer as crianças para além de categorias generalizantes, reconhecendo-as como sujeitos sociais que produzem saberes, constroem relações e atribuem sentidos às experiências que vivenciam.

A pesquisa possibilitou compreender como o contexto pesqueiro, familiar, comunitário e escolar participa da construção de suas identidades, de suas brincadeiras e de seus modos singulares de ser criança na Amazônia costeira.

3. REFLEXÕES SOBRE O SER CRIANÇA NAS VIVÊNCIAS PESCADORAS DA VILA PERIMIRIM

Nesta seção será apresentada em dois tópicos, o primeiro: Múltiplas infâncias e o protagonismo social e; O brincar, o território e a produção de saberes nas vivências infantis.

3.1. múltiplas infâncias e o protagonismo social.

Durante muito tempo, a infância foi compreendida como uma etapa universal do desenvolvimento humano, marcada por características supostamente comuns a todas as crianças. No entanto, os estudos da Sociologia da Infância passaram a questionar essa concepção homogênea, defendendo que a infância é uma construção social, histórica e cultural, produzida a partir das relações estabelecidas nos diferentes contextos em que as crianças vivem. Dessa maneira, compreende-se que não existe uma única infância, mas múltiplas infâncias, constituídas pelas condições sociais, culturais, econômicas e territoriais que permeiam as experiências infantis.

Para Sarmiento (2003), as crianças produzem culturas próprias nas relações que estabelecem entre si e com os diferentes grupos sociais dos quais participam. Nessa perspectiva, elas deixam de ser compreendidas apenas como receptoras da cultura produzida pelos adultos e passam a ser reconhecidas como sujeitos sociais ativos, capazes de interpretar, ressignificar e produzir conhecimentos a partir de suas experiências cotidianas. Desse modo, as vivências infantis não podem ser compreendidas de maneira isolada do contexto em que estão inseridas, pois são atravessadas pelas características culturais, econômicas, sociais e territoriais de cada realidade. Essa reflexão torna-se especialmente relevante ao observar as crianças da comunidade pesqueira de Perimirim, cujas experiências são constituídas pelas relações com o território, com a pesca artesanal, com a família e com a comunidade. Ao discutir as infâncias amazônicas, Freitas e Toutonge (2024, pg. 23) destacam que:

Conhecer/saber a abrangência e complexidade da diversidade e da heterogeneidade que constituem os territórios camponês da Amazônia paraense, assim como os povos tradicionais, as crianças e infâncias, seus modos de ser, viver, sentir e agir como sujeitos sociais do campo nos ajudam a compreender e analisar as gramáticas sociais produzidas pelos brincar e pelas práticas culturais de sua comunidade (FREITAS E TOUTONGE, 2024, p.23).

Nessa perspectiva, as crianças de Perimirim estabelecem relações importantes com seus territórios, reforçando também que as infâncias amazônicas são constituídas em estreita relação e participação social ativa em seus espaços, através do seu brincar e das práticas culturais comunitárias. Tal compreensão permite reconhecer as crianças não apenas como moradoras da comunidade, mas como sujeitos que interpretam, representam e ressignificam o lugar onde vivem.

Ao aprofundar a compreensão do ser criança como protagonista social, Corsaro (2011, apud Evangelista; Marchi, 2022, p.48) propõe o conceito de reprodução interpretativa, rompendo com a ideia de que as crianças apenas internalizam a cultura produzida pelos adultos. Assim, "o termo reprodução inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais".

À luz das contribuições de Sarmiento (2003), Corsaro (2011) e Freitas e Toutong (2024), compreende-se que a infância deve ser analisada como uma construção social, histórica e territorial, na qual as crianças assumem papel ativo na produção de culturas, saberes e significados. Nessa perspectiva, investigar as vivências das crianças da comunidade de Perimirim implica reconhecer que suas experiências são produzidas em suas relações com o Lugar, com a família, com a comunidade e com a pesca artesanal, elementos que conferem singularidade às suas formas de viver a infância.

3.2. O brincar, o território e a produção de saberes nas vivências infantis.

As experiências infantis são construídas nos diferentes espaços de convivência e interação social que compõem o cotidiano das crianças. Nessa perspectiva, o território não pode ser compreendido apenas como um espaço físico, mas como um lugar de produção de experiências, aprendizagens, brincadeiras e relações sociais. Para Brandão (2015), as crianças constituem seus processos de socialização e aprendizagem em múltiplos círculos de vida e cultura, que envolvem a família, a comunidade, a vizinhança, os grupos de convivência e a escola, evidenciando que a formação humana é construída nas diferentes relações estabelecidas ao longo da vida cotidiana.

Ao refletir sobre a infância pesqueira em Perimirim, essa compreensão se torna ainda mais significativa, uma vez que os saberes infantis são produzidos nas relações estabelecidas com o ambiente que faz parte do cotidiano das crianças moradoras. Nesse contexto, o brincar, a convivência com os pescadores, as experiências na maré, e nos demais espaços comunitários são importantes processos de aprendizagem e construção de conhecimentos, pois é por meio

dessas vivências que as crianças observam e compartilham práticas que atribuem grande significados ao lugar onde vivem.

Essa perspectiva permite compreender as brincadeiras infantis para além de simples momentos de lazer. Ao brincar, as crianças produzem significados, assim, durante as observações das crianças, especialmente nos momentos de brincadeira, notei como os jogos entre pares resgatam tradições transmitidas pelos pais. Um exemplo é o ‘taco’ (que eles chamam de brincar de ‘pá’), jogado na rua, perto de suas residências, um espaço que favorece e enriquece a dinâmica.

Também registrei o futebol com os amigos na beira da praia e o brincar de ‘pira’. A brincadeira é um momento essencial, pois assim esses sujeitos constroem relações e elaboram suas próprias formas de ver e compreender o mundo, através do olhar de uma criança.

Em diferentes momentos da pesquisa, as crianças faziam referência aos barcos, à pesca, a maré e às atividades desenvolvidas por seus familiares. Na atividade realizada com a turma do 2º ano, por exemplo, era recorrente a presença desses elementos nos desenhos e nas falas das crianças, evidenciando que o brincar e as representações produzidas por elas mantêm estreita relação com a realidade pesqueira. Mais do que simples referências ao ambiente onde vivem, esses elementos revelam que a pesca artesanal ocupa um lugar central na sua identidade e sentimento de pertencimento à comunidade. Ao incorporarem barcos, rios, redes e práticas pesqueiras em suas brincadeiras e produções, as crianças demonstram que os saberes construídos no convívio familiar e comunitário são continuamente apropriados, reinterpretados e ressignificados, manifestando-se tanto na escola quanto nos demais espaços de socialização.

A análise dos desenhos produzidos pelas crianças reforça essa compreensão. Embora cada criança represente o território de maneira singular umas das outras, observei a recorrência de alguns elementos (barcos, o mar, o manguezal, caranguejos, árvores, casas e pessoas inseridas nesses espaços) indica que o território pesqueiro não constitui apenas o cenário onde vivem, mas integra suas formas de perceber esse mundo. Os barcos, por exemplo, aparecem como parte do cotidiano familiar e comunitário, evidenciando que as experiências relacionadas à pesca fazem parte da construção de suas referências culturais. Da mesma forma, a presença constante do manguezal e dos caranguejos revela que esses ambientes são vistos e sentidos pelas crianças, pois fazem parte do dia adia deles, e de seus familiares. Em alguns desenhos, as próprias crianças representam a si mesmas inseridas, próximas ao mar, às árvores e aos barcos, mostrando assim pertencimento com o seu lugar de convivência.

Nesse aspecto, as reflexões de Sarmiento complementam as contribuições de Corsaro (2011) ao evidenciar que as culturas da infância são produzidas nas relações estabelecidas entre

as crianças, seus pares e os diferentes contextos sociais dos quais participam. Os desenhos e as observações realizadas durante a pesquisa permitem compreender esse processo, uma vez que revelam que as crianças não apenas reproduzem elementos presentes na comunidade, mas que refletem o modo de vida singular banhados em sentidos e significados “na sua vida e de seu povoado” (FREITAS; TOUTONGE, 2024, p.27).

Corrêa (2018) destaca que a construção dos saberes das crianças está diretamente relacionada às interações estabelecidas com seus pares e com o ambiente em que vivem. Segundo a autora:

A construção dos saberes, frutos da interação entre as crianças, seus pares e o ambiente, a partir de um contexto específico, é de fundamental importância para compreender de que forma elas se comportam em situações distintas, considerando que estão ativamente no mundo enquanto atores sociais, produtores culturais, com uma imaginação recheada de significações e representatividade (CORRÊA; SARAIVA, 2018).

Nessa perspectiva, as observações realizadas em Perimirim evidenciam que os conhecimentos relacionados à pesca artesanal não permanecem restritos ao universo dos adultos, mas são apropriados e ressignificados pelas crianças em suas brincadeiras, desenhos, falas e demais experiências cotidianas. Assim, os saberes tradicionais são incorporados às culturas infantis e fazem parte da forma como as crianças e adolescentes modificam suas formas de brincar, aprender e explorar o território onde vivem.

Ao estudar as infâncias em Perimirim, Freitas e Toutonge (2024) mostram que as crianças constroem vínculos afetivos com o território, atribuindo significados aos rios, aos barcos, às brincadeiras e aos espaços comunitários. Essa construção simbólica dialoga diretamente com a perspectiva de Brandão (1981), ao afirmar que a criança realiza uma legítima “leitura de mundo” muito antes de se apropriar da palavra escrita.

No contexto das águas, os barcos, a maré e os rios funcionam como os primeiros “textos” que esses sujeitos interpretam. A partir dessa tradução do ambiente as crianças desenvolvem uma ativa produção de saberes locais, transformando suas vivências diárias na beira do mar em conhecimento prático, cultural e identitário.

4. SISTEMATIZAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

A análise temática dos dados, fundamentada na proposta de Braun e Clarke (2006), possibilitou identificar padrões recorrentes nas falas, nas observações e nas produções dos desenhos das crianças participantes da pesquisa. Esse processo não se limitou à organização das informações produzidas durante o trabalho de campo, mas buscou compreender os sentidos atribuídos pelas próprias crianças às suas experiências cotidianas. A partir das entrevistas, das

observações realizadas na comunidade, da roda de conversa e das atividades desenvolvidas na escola, foi possível perceber que a infância em Perimirim é vivida em constante relação com o território, com a pesca artesanal, com a família e com os diferentes espaços de convivência da comunidade.

Ao analisar os desenhos produzidos pelas crianças, “eles expressam que são sabedores dos conhecimentos vividos e que estão em movências na via e na vida” (FREITAS E TOUTONGE p.31) algo me chamou atenção desde o início, a repetição de determinados elementos da comunidade. Nos desenhos elaborados pelas crianças apareceram, com frequência, barcos, manguezais, peixes, caranguejos, o mar, o sol, árvores e pessoas pescando. O que mais chamou atenção não foi apenas a presença desses elementos, mas a naturalidade com que eles foram representados. Diferentemente de personagens fictícios ou paisagens imaginadas, os desenhos retratam aquilo que faz parte da rotina dessas crianças. Muitas delas passam diariamente pela orla antes de chegar à escola, convivem com barcos atracados na beira mar, ou acompanham a atividade pesqueira desenvolvida por seus pais, avós e outros familiares. Assim, os desenhos revelam experiências concretas vividas no cotidiano e mostram aquilo que lhes é mais próximo e significativo.

Entre os elementos representados, o manguezal aparece com frequência dentre os desenhos das crianças. Durante a pesquisa, foi possível perceber que o mangue está presente na infância das crianças, seja durante as brincadeiras, seja nas ocasiões em que acompanham familiares na pesca ou na captura de caranguejos. O manguezal deixa de ser apenas um componente da paisagem e passa a fazer parte das experiências construídas ao longo da infância. Talvez por isso ele ocupe um espaço tão expressivo nas produções gráficas: é um lugar conhecido, frequentado e carregado de lembranças e é cheio de significados.

Os barcos também aparecem como um dos principais elementos desenhados pelas crianças. Essa presença pode ser compreendida pela importância que eles possuem na dinâmica da comunidade. Em Perimirim, o barco não representa apenas um instrumento de trabalho; ele faz parte da paisagem da vila, da economia local e da história de muitas famílias que residem há muito tempo na vila. Para as crianças, observar a saída e o retorno dos pescadores, acompanhar a rotina dos familiares ou simplesmente passar diariamente pela orla faz com que esse elemento seja incorporado de maneira espontânea às suas formas de representar o lugar onde vivem. Da mesma forma, a presença de peixes e caranguejos evidencia a proximidade que essas crianças possuem com a biodiversidade local. Esses animais não são conhecidos apenas

pelos livros ou pelas imagens, mas fazem parte das conversas em casa, da alimentação, do trabalho dos familiares e das experiências vividas na comunidade.

Essas observações dialogam com Brandão (1981; 2015), ao afirmar que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra. Antes mesmo da escolarização formal, as crianças aprendem observando a maré, identificando espécies de peixes, reconhecendo os espaços do manguezal e acompanhando as atividades desenvolvidas pela comunidade. Os conhecimentos construídos nesses espaços passam a integrar sua forma de compreender o mundo e aparecem naturalmente quando são convidadas a falar ou desenhar sobre sua realidade.

As entrevistas reforçaram essa percepção. Durante as conversas, chamou atenção a naturalidade com que as crianças falavam sobre barcos, redes, marés, peixes e pescarias. Esses assuntos surgiam de maneira espontânea, como parte de seu cotidiano. Maria, de 12 anos, demonstrou conhecer diferentes formas de pesca e explicou aspectos relacionados às marés com riqueza de detalhes. João, de 8 anos, relatou sua tentativa de capturar um bagre durante uma brincadeira no rancho pesqueiro, misturando lembranças, diversão e conhecimentos adquiridos na convivência com a comunidade. Mais do que repetir aquilo que observam, as crianças reinterpretam essas experiências em suas brincadeiras, narrativas e formas de compreender a realidade, aproximando-se da perspectiva de Corsaro (2011) sobre a reprodução interpretativa.

Outro aspecto que chamou atenção foi a forma como as crianças falavam da profissão de seus pais e familiares. Mesmo reconhecendo que a pesca artesanal exige esforço físico, depende das condições da maré e nem sempre garante um retorno financeiro satisfatório, elas demonstravam respeito e admiração por esse trabalho. Essa percepção revela que, desde cedo, as crianças compreendem a importância da pesca para a manutenção da vida da comunidade e reconhecem seu valor como parte da história de suas famílias.

As observações realizadas na escola também permitiram perceber que o cotidiano da comunidade está presente em algumas práticas pedagógicas. Durante as conversas com a professora da turma, foi relatado que determinadas atividades são desenvolvidas na orla de Perimirim, utilizando o próprio território como espaço de aprendizagem. Também vale ressaltar, que como moradora da comunidade, observei que algumas vezes durante o ano, os alunos da participam de ações de conscientização ambiental que envolvem atividades de coleta de resíduos na praia. Essas iniciativas demonstram um esforço da escola em aproximar o ensino das experiências vividas pelas crianças e reconhecer que a aprendizagem também acontece nos espaços da comunidade.

Entretanto, a pesquisa também evidencia que essa aproximação ainda pode ser melhor trabalhada na comunidade. As comunidades pesqueiras produzem conhecimentos construídos ao longo de gerações nas relações com a pesca artesanal, com a natureza e com o território. São saberes que fazem parte da vida das crianças desde muito cedo e que aparecem espontaneamente em suas falas, brincadeiras e desenhos. Nesse sentido, a Educação do Campo pode contribuir para fortalecer o diálogo entre esses conhecimentos e o currículo escolar, valorizando práticas pedagógicas que reconheçam a riqueza cultural presente nas comunidades tradicionais e ampliem as possibilidades de aprendizagem a partir da realidade dos estudantes.

Assim, os dados produzidos nesta pesquisa mostram que compreender a infância em Perimirim exige olhar para além da escola e considerar os diferentes espaços onde as crianças vivem, brincam, aprendem e constroem suas experiências. A comunidade, a pesca artesanal, a orla, o manguezal e as relações familiares fazem parte desse processo formativo e aparecem de maneira espontânea quando elas falam sobre seu cotidiano ou representam sua realidade por meio dos desenhos. Mais do que ilustrar uma paisagem, esses registros revelam como as crianças percebem o lugar onde vivem e demonstram que suas experiências são construídas nas relações que estabelecem diariamente com a comunidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar este percurso, constata-se que o objetivo geral de compreender como se constituem as vivências infantis na comunidade pesqueira do Perimirim foi atingido. A investigação lançou um olhar sensível sobre a infância ribeirinha, compreendendo-a como um núcleo gerador de cultura e identidade local. Ao evidenciar as vozes e as produções visuais dos sujeitos da Escola Maria Benedita Mota, este TCC conseguiu êxito em mapear como a dinâmica costeira e a lida com o pescado se entrelaçam na constituição do ser criança na Amazônia paraense.

Os principais resultados revelam que a infância em Perimirim é indissociável de seu território tradicional. Verificou-se que os saberes transmitidos por gerações de pescadores e marisqueiras são assimilados de modo lúdico, aparecendo de forma vívida em desenhos que destacam manguezais, barcos, ranchos e espécies locais. Além disso, a pesquisa demonstrou que a escola atua como um espaço ambivalente, transformando-se, pela ação das crianças, em um território de afirmação de suas identidades e partilha de saberes tradicionais.

As contribuições deste estudo estendem-se aos campos teórico e prático. No âmbito acadêmico, o trabalho fortalece a Sociologia da Infância ao fornecer dados etnográficos sobre o contexto das infâncias pesqueiras na Amazônia paraense, ainda pouco visibilizado

nacionalmente. No plano prático, oferece subsídios para que a comunidade escolar e os gestores pensem em propostas curriculares diferenciadas que valorizem o ofício dos pais e integrem a riqueza cultural do território às salas de aula.

Por outro lado, é imperativo reconhecer as limitações metodológicas enfrentadas no campo. Embora eu seja moradora da comunidade investigada e possua familiaridade com o cotidiano, a vida adulta e as responsabilidades profissionais e pessoais ocupam parte significativa dos meus dias ao longo da semana, o que dificultou um acompanhamento diário dos sujeitos pesquisados, em particular na orla de Perimirim, a qual restringiu-se a algumas tardes específicas. Da mesma forma, minha inserção na rotina da Escola Maria Benedita Mota limitou-se a um único dia de imersão direta para as rodas de conversa e oficinas. Embora esse encontro tenha sido extraordinariamente proveitoso e denso em significados, o estreito espaço de tempo limitou uma compreensão mais dilatada das interações de pares a longo prazo.

Diante dessas lacunas, sugere-se a realização de futuras pesquisas longitudinais que disponham de maior tempo de permanência no campo para acompanhar as crianças ao longo dos ciclos sazonais da pesca amazônica. Recomenda-se, ainda, investigar os impactos das transformações ambientais sobre as culturas de pares locais. Espera-se que este trabalho sirva de degrau para novas investigações que continuem a garantir às crianças ribeirinhas o direito de narrar suas próprias histórias e salvaguardar suas memórias.

6. REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. **Crítica educativa**, v. 1, n. 1, p. 108-132, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. Editora Brasiliense, 1984.
- BRASIL. **Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. Brasília, DF, 2009.
- CORRÊA, Jéssica do Socorro Leite. **A criança e o mar: saberes e infâncias em ambientes costeiros na Amazônia**. Curitiba: Appris Editora, 2018.
- CORRÊA, Jéssica do Socorro Leite; SARAIVA, Luis Junior Costa. **A criança e o mar: um estudo sobre o cotidiano de crianças no contexto da pesca artesanal**. Nova Revista Amazônica, v. 4, n. 2, 2016.
- CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CUNHA, Camila; ARAÚJO, Elis Regina Nunes Mota; MARTINS, Maria Cristina. A infância na pesca e a construção dos saberes ambientais. **Anais do VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade – EDUCON**. 20 a 22 de setembro de 2012. São Cristóvão, SE: Aracaju. 2012. p. 1-09.
- EMBRAPA. **Pesca artesanal brasileira: aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos**. Documentos 40. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2013.

EVANGELISTA, Nislândia Santos; MARCHI, Rita de Cássia. **Sociologia da infância e reprodução interpretativa: um modelo redondo do desenvolvimento infantil**. Educação e Pesquisa, v. 48, 2022. (EVANGELISTA; MARCHI, p.48)

FREITAS, Maria Natalina Mendes; TOUTONGE, Eliana Campos Pojo (orgs.). **Travessias e infâncias em territórios amazônicos**: configurações das e às pesquisas com crianças e a Educação do Campo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

GOOGLE. **Google Maps**. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/AcoEZrk5BTsLf9e4A> . Acesso em: 18 jun. 2026.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. *Using thematic analysis in psychology*. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **RESEX Marinha de Araí-Peroba**: Unidades de Conservação no Brasil. ISA, 2026. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/arp/4328>. Acesso em: 18 jun. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2024.

OLIVEIRA, Marcos Vinicius Sousa de; SOUZA, Ana Paula Vieira e. Discurso de crianças sobre a pesca artesanal e trabalho na comunidade da Pontinha do Bacuriteua na Amazônia Bragantina. **Revista Cocar**. V.14 N.30 Set./Dez./ 2020 p. 1-21.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, Pelotas, n. 21, p. 51-69, jul./dez. 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

APÊNDICE I - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- **Pesquisa (TCC):** Modos de vida e infância das crianças na realidade pesqueira de Perimirim/Augusto Corrêa/PA.
- **Autora:** Victoria de Sousa Lima
- **Orientadora:** Profa. Dra. Maria Gorete Rodrigues Cardoso
- **Objetivo:** Compreender como se constituem as vivências infantis na comunidade pesqueira do Perimirim.
- **Duração das entrevistas:** 30 minutos.
- **Delimitação do público:** Crianças entre 12 e 14 anos residentes na comunidade.

1. IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)
Nome (Pseudônimo):
Idade:
Série/Ano Escolar:
Possui parente pescador(a)? () Sim () Não. Grau de parentesco:

2. BLOCO DE QUESTÕES

Eixo I: Sobre a Comunidade:

1. Como você descreve a comunidade de Perimirim?
2. Você gosta de morar neste lugar? Por quê?
3. Se você tivesse que ir morar em outro lugar, você aceitaria? Por quê?

Eixo II: Sobre a Vida na Comunidade e Saberes Locais:

4. Com quem você aprende sobre a pesca e as coisas do mar/mangue?
5. O que você acha da vida e do trabalho de pescador?
6. Você quer seguir o exemplo de trabalho de seu pai, mãe ou familiares? Por quê?

7. Você acha que o seu modo de viver aqui na vila é bom?
8. O que você mais destaca de positivo e de bom aqui na vila?
9. Qual é a sua brincadeira predileta para brincar com seus amigos?
10. Onde você costuma brincar mais: no quintal, na rua, no mar, na praia ou dentro de casa?